

Dossiê

Análise de práticas profissionais: um dispositivo clínico em movimento

Bernard Pechberty

Resumo. Michael Balint fundou um dispositivo clínico dedicado à relação médico-paciente. Os grupos de análise de práticas profissionais que se desenvolveram posteriormente acolhem outras profissões com outros saberes: adaptam a orientação psicanalítica ao estudo, em grupo, do Self-profissional dos participantes, formadores, educadores e professores. Surgem novos dados, como a relação dos participantes com o saber ou a dimensão narcísica que a sustenta e que parece ter um papel muito importante: o narcisismo está de fato presente na narrativa profissional proposta e no grupo em dois aspectos, positivo e negativo, como apoio criativo ou como fechamento. Este artigo também desenvolve como esse dispositivo de trabalho, aberto a variações de enquadre e a surpresas, se transpõe à contribuição dos psicanalistas de grupo.

Palavras chave: narcisismo; grupo; narrativa profissional; análise de práticas.

El análisis de las prácticas profesionales: un dispositivo clínico en movimiento

Resumen. Michael Balint fundó un dispositivo clínico dedicado a la relación médico-paciente. Los grupos de análisis de prácticas profesionales que se desarrollaron posteriormente acogen otras profesiones con otros saberes: adaptan la orientación psicoanalítica al estudio, en grupo, del self profesional de los participantes, formadores, educadores y profesores. Aparecen nuevos datos, como la relación de los participantes con el conocimiento o la dimensión narcisista que lo sustenta y que parece tener un papel muy importante: de hecho, el narcisismo está presente en la historia profesional propuesta y en el grupo en dos vertientes, positiva y negativa, de apoyo creativo o *de cierre*. Este artículo también desarrolla cómo este sistema de trabajo, abierto a las variaciones del marco y a las sorpresas, se conjuga con el aporte de los psicoanalistas de grupo.

Palabras clave: narcisismo; grupo; historia profesional; análisis de prácticas.

Analysis of professional practices: a clinical system in motion

Abstract. Michael Balint founded a clinical system dedicated to the doctor-patient relationship. The groups for the analysis of professional practices which developed subsequently, welcome other professions with other knowledge : they adapt the psychoanalytic orientation to the study, in groups, of the professional Self of the participants, trainers, educators and teachers. New data appears, such as the participants' relationship to knowledge or the narcissistic dimension which supports it and which seems to have a very important role: narcissism is in fact

* Psicólogo e psicanalista. Professor emérito da Universidade Paris Descartes, Paris, França. E-mail: pechbertyb@gmail.com

present in the proposed professional story and in the group in two aspects, positive and negative, creative support or closure. This article also develops how this working system, open to variations in the framework and surprises, intersects with the contribution of group psychoanalysts.

Keywords: narcissism; group; professional story; analysis of practices.

L'analyse des pratiques professionnelles: un dispositif clinique en mouvement

Résumé. Michael Balint a fondé un dispositif clinique consacré à la relation médecin-malade. Les groupes d'analyse des pratiques professionnelles qui se sont développés par la suite, accueillent d'autres professions avec d'autres savoirs : ils adaptent l'orientation psychanalytique à l'étude, en groupe, du Soi-professionnel des participants, formateurs, éducateurs et enseignants. De nouvelles données apparaissent, comme le rapport au savoir des participants ou la dimension narcissique qui le soutient et qui semble avoir un rôle très important : le narcissisme est en effet présent dans le récit professionnel proposé et dans le groupe sous deux aspects, positif et négatif, de soutien créatif ou de fermeture. Cet article développe aussi comment ce dispositif de travail, ouvert aux variations du cadre et aux surprises, croise l'apport des psychanalystes de groupe.

Mots-clés: narcissisme; groupe; récit professionnel; analyse des pratiques.

Neste artigo, examinarei certos aspectos do dispositivo de análise de práticas profissionais (fundado por Michael Balint) e de sua evolução. Aqui, colocarei em foco as questões narcísicas que circulam a partir de narrativas e de sua elaboração psíquica. Descreverei também como esse dispositivo comporta variações em seu enquadre: nesse sentido, será interessante explorar os trabalhos de psicanalistas de grupo, sucessores de Balint.

A fecundidade do trabalho iniciado por Balint em seu dispositivo de "formação-pesquisa" em grupo é notável. O método é sustentado por um ideal, o de cuidar de um sujeito, visando sua "personalidade profissional" (Missenard, 1976), por referência a uma orientação psicanalítica.

O "método Balint", originado por volta de 1950, tomou diferentes formas. Ele pode assim servir a diversos objetivos e apresenta um modo de trabalho maleável que se insere em contextos variados: ele existe hoje como uma formação complementar a uma profissão, ou ainda como uma passagem obrigatória para os novos recrutados de uma instituição, ou como escolha feita por um profissional interessado em trabalhar por si mesmo suas práticas e seus saberes.

A análise clínica de orientação psicanalítica das práticas profissionais em educação, no ensino ou no cuidado, se inscreve nessa filiação e tem uma longa história social, feita de apagamento e ressurgimento. Então, no que é que se forma em tal dispositivo? É uma terapia individual em grupo que não diz seu próprio nome? Ou uma formação de um novo tipo? Aprendemos que a experiência singular da prática profissional é sobredeterminada inconscientemente, que o presente profissional e o futuro de que fala o locutor em sua narrativa estão ligados a um passado e, muitas vezes, à sua repetição no trabalho. Neste texto, usarei o termo "locutor" para me referir à pessoa que apresenta uma situação profissional.

Balint foi o primeiro a interrogar clinicamente e em um contexto de grupo, o relacionamento entre médico e paciente. Ele fundou um método de análise e de pesquisa que, desde então, estendeu-se a diversas profissões do cuidado ou da educação (Blanchard-Laville, Dubois, 2023; Pechberty, 2009). Nesse dispositivo, experimenta-se ao longo das sessões os efeitos do trabalho

de narração por parte de um sujeito profissional, em grupo, graças à experiência de escuta e de sucessão dos relatos. A "personalidade profissional" que é convocada é essa parte do aparelho psíquico, do Self [*Soi*], tanto consciente quanto inconsciente, que se investiu em uma profissão como a do cuidado, da educação ou da formação. Que marcas essa experiência de "formação/transformação" (Kaes, 1975) do Self profissional deixa em um grupo como esse? Como apropriar-se desses fenômenos a partir do relato e da análise de situações de trabalho?

A análise de práticas profissionais implica em uma verdadeira reviravolta cultural: cessa a dominação da teoria sobre a prática. Uma relação com o trabalho, com o pensamento, com o sentimento, se instaura a partir da experiência e dos saberes elaborados pelos participantes. Mosconi escreve: "Na análise de práticas, são dois os tipos de participantes que se encontram: o participante cujas práticas são analisadas, e o grupo com o facilitador, que permitem que essa análise opere". (Mosconi, 2001). O modelo magistral no qual a teoria ditaria a prática não está mais em vigor: o dispositivo clínico transforma a relação implícita entre mestre e aluno, colocando em primeiro plano os saberes do participante.

Podemos identificar vários usos para essa mudança de perspectiva. Em um plano geral, na formação, a passagem para um tempo de observação e de análise da prática profissional pode rapidamente nos fazer tomar consciência acerca das diferenças de atitudes e valores que os profissionais estabelecem em relação a um mesmo público, acarretando em um acordo ou em uma impossibilidade de trabalhar conjuntamente. Os valores entram em conflito, por vezes de forma brutal, no que tange às concepções de autoridade, à relação com os saberes, com os adolescentes ou as crianças, com os educandos. Esses valores são incorporados às práticas profissionais de um ou outro, sem necessariamente serem elaborados, que é, em contrapartida, o que propõe o dispositivo fundado por Balint.

O dispositivo que Balint nos legou funciona em três tempos: o da narrativa, o das questões sobre a situação e, então, o das associações verbais que tomam a forma de hipóteses interpretativas propostas ao locutor ou que ele mesmo se coloca. A ambivalência, os vínculos sempre singulares entre os afetos, emoções e pensamentos fazem parte do relato inicial: eles são acolhidos pelo grupo e são um sinal de outros sentimentos que o facilitador (ou a dupla de facilitadores) convocará. Esse primeiro relato se enriquece com as perguntas dos participantes e, então, pela associação livre, que é incentivada: um discurso e uma nova palavra nascem para o locutor, em um trabalho de grupo, ancorados no inconsciente psíquico que deve se infiltrar na narrativa.

O desenvolvimento associativo sobre o relato do locutor é amplificado pela polifonia de uma escuta feita pelo grupo que analisa, a partir do relato: ele mobiliza todo o aparelho psíquico - pensamentos, emoções - em relação à experiência profissional, revelando questões subjetivas, muitas vezes inconscientes. O dispositivo e suas regras - em particular a de não julgamento do que é dito ou a de confidencialidade - contribuem para essa atmosfera de escuta, que permite que as instâncias psíquicas e os vínculos associativos se desdobrem através das perguntas colocadas e da transformação da narrativa do locutor. Constitui-se, com isto, uma atmosfera onde pode existir um espaço transicional (Winnicott, 1971): é com o apoio desse trabalho coletivo e individual que o sujeito locutor avança, mobilizando assim o pré-consciente e o inconsciente a partir de seu primeiro relato.

Dizer, por meio de suas palavras e de seu corpo, e estar acompanhado, permite uma passagem: a de associar (no sentido psicanalítico), de completar, de transformar esse primeiro relato, no grupo com outros participantes e um (ou alguns) facilitador(es) envolvido(s): as questões narcísicas são então fortemente mobilizadas. Contar, deixar virem os pensamentos e

as emoções, torna visível as dinâmicas que organizam os eventos da narrativa proposta: o sujeito que expõe torna pública uma zona de fragilidade em que o Self [*Soi*], o aparelho psíquico e suas relações com os outros estão fortemente envolvidos. Ao mesmo tempo em que se dá o valor edípico, socializante, opera uma reflexão sobre o amor de si mesmo e do outro, o narcisismo, o ideal e a confiança de base que pode ser depositada nos outros. Com isto, dois polos estão em jogo: um narcisismo aberto, criativo, e um narcisismo fechado, defensivo (Eiguer, 1999).

A escuta e a intervenção do grupo incidem sobre o Eu [*Moi*] profissional (parte de seu Self) daquele que expõe, que então se modifica pelas perguntas, associações e respostas dadas. Esse Eu mostra então suas dependências em relação ao aparelho psíquico do locutor e de seu Self. Imagens e pensamentos advindos da identidade profissional e pessoal do locutor circulam; eles são recuperados pelo grupo e re-enviados, de forma transformada, ao locutor.

Com isto, uma experiência íntima de vulnerabilidade se torna pública: o efeito narcísico positivo de que se trata aqui é o de encontrar em si mesmo - com a ajuda do grupo e, portanto, de outros - forças para compreender e avançar. O locutor se apropria da escuta e das intervenções dos participantes para responder, associar, mudar; ele pode, com a ajuda do grupo, se confrontar com conflitos identitários que aparecem em sua narrativa profissional e que ele não percebe, ou que percebe mal.

Apresentarei três sequências de análise de práticas retiradas de diferentes contextos - uma de Ensino Médio e outra de uma associação.

Um exemplo de análise de práticas profissionais em um estágio de formação continuada para professores: Paul, um jovem professor de Ensino Médio, descreve em seu relato como ele se coloca em "pé de igualdade" com seus alunos: ele mantém assim uma dimensão de sedução, sem demarcar mais distâncias geracionais ou de posição. "Não sabemos se você é aluno ou professor", um participante do grupo lhe diz. Paul descobre que seu saber não é mais transmitido e que ele está falhando: a transmissão tornou-se impossível porque ele entrou em uma lógica inconsciente - que o grupo de análise torna visível para ele - de ser semelhante a seus alunos, perdendo assim seu lugar como professor diferenciado. Paul coloca em palavras sua vivência anterior como adolescente e aluno: a adolescência escolar de Paul é mobilizada pelo contato com seus alunos, sem mediação e sem que ele esteja consciente disso de saída. As intervenções dos participantes se sobrepõem: eles interrogam sobre a idade de Paul, sobre o retorno de uma adolescência interminável reacendida pelo contato com seus alunos, ou, ainda, sobre o gozo inconsciente de seu próprio passado como aluno.

Estamos aqui diante de um "narcisismo fechado" que tende a cegar e negar as diferenças, particularmente as geracionais. Por meio de suas intervenções, a elaboração tanto coletiva quanto pessoal de sua posição de professor permitirá algo novo: uma tomada de consciência por parte de Paul de sua ambiguidade relacional (a parte do aluno adolescente reavivada por sua profissão é mais importante do que a parte do professor adulto nele?). Paul terá que dar um novo sentido à sua escolha de continuar a ser professor, sem que esteja fascinado pela dimensão do aluno que ele foi e que ele inconscientemente reencena em suas relações de sedução.

O “bom” uso do narcisismo (Eiguer, 1999), que chamaremos de um narcisismo de abertura, permite apoiar-se solidamente nos ideais da profissão e em um self-profissional [*soi-professionnel*] ligado a outras identificações, escolares e da família. Essa dinâmica possibilita a apropriação de novas experiências com os outros, sem que se perca a identidade: o Eu abandona sua autonomia ilusória e encontra um equilíbrio diferente em relação a sua dependência do inconsciente e dos outros. Por outro lado, se há uma clivagem entre esses diferentes elementos, os alunos e estagiários aparecerão como ameaçadores e estrangeiros para o professor ou formador adulto, em ressonância com seu self-aluno [*soi-élève*] ou seu self-estagiário não integrado: ele se sente, em todos os níveis, ameaçado, sozinho com seus valores, sem um vínculo particular com os alunos. Um imaginário alienante domina.

O dispositivo de análise de práticas, em grupo, permite assim uma nova tessitura dos vínculos com os outros ou com a equipe, graças às intervenções dos outros participantes e ao engajamento do locutor com a narrativa que ele propõe: o conflito psíquico se transforma, é colocado em palavras e várias hipóteses são propostas. Um novo contato com seu self-aluno, muito recalcado no professor locutor, permite outras relações com os alunos em sua realidade atual. Pode-se criar um espaço de brincar, no sentido winnicottiano, com os pensamentos e as emoções que a narrativa propõe.

É depois de ter dito e, portanto, incluído mais conscientemente essa "parte" profissional no conjunto da subjetividade, que novos vínculos são mobilizados: o vínculo entre o self-aluno e o self-criança, testemunha um passado escolar e familiar ativo inconscientemente, com o eu-professor atual e com as presentes relações com os alunos e com os saberes transmitidos. Essa integração do passado ao presente permite modificar, aliviar as projeções professor/formador sobre os alunos ou sobre a instituição. Uma postura profissional diferente se cria.

O movimento de *narcizisação*

O dispositivo em sua dimensão grupal também atua: ele faz circular um narcisismo que reconhece a alteridade, apoiado sobre os vínculos. Ele permite que os participantes se identifiquem mutuamente, se compreendam, se escutem, dêem e recebam, sem negar uma falta possível.

Esse "narcisismo aberto" à interação, ao grupo, permite que um sujeito locutor esteja mais assegurado em sua prática profissional, se projete e se religue com o mundo e com os outros: ele recebe algo do outro sem que se perca. Nas situações profissionais, que mobilizam as relações de autoridade e transmissão de saberes, emerge um reconhecimento mais primário entre o si e o outro, que transforma parcialmente a relação entre o formador e o aluno: trata-se de se reconhecer mutuamente, de estar em um vínculo positivo pautado na similaridade e na alteridade, como sublinha Lacan em sua descrição do estádio do espelho (Lacan, 1949). Esse reconhecimento de partes do Self no outro, nos outros, é favorecido pelo trabalho dos facilitadores e condiciona para cada um a aceitação regras do dispositivo.

Um dispositivo de análise de práticas profissionais no Ensino Médio: foi somente depois de vários meses que o dispositivo de análise de práticas profissionais que eu conduzia - uma sessão mensal de 3 horas - assumiu seu valor clínico e transferencial de abertura para mim. Até então, eu tinha vontade de parar o grupo diante de uma vivência mortífera de repetição, alimentada pelas queixas recorrentes dos professores frente à violência dos alunos. Nessa sessão, Martine, uma professora de literatura do Ensino

Médio, faz um relato em que se conectam, pela primeira vez no grupo, as emoções e os pensamentos, o antes e o depois, relato que faz surgir o vínculo professor - aluno de uma maneira nova.

Na sequência de uma avaliação, que revela resultados muito ruins de seus alunos do segundo ano do Médio, Martine, normalmente tolerante, expressa sua decepção e, pela primeira vez, deixa estourar sua raiva no grupo. Ela exprime muita agressividade e até mesmo rejeição em relação a seus alunos, que ela julga serem muito diferentes dela na mesma idade. Surgem lembranças e comparações: "Eles não têm planos, são alienados ao dinheiro... Eu militava por valores", diz ela; ela associa a partir de seu self-aluna, de outrora, agora novamente consciente, sobre seu passado de boa aluna e sua adesão a ideais políticos.

O vínculo que surge, fora do recalque, com sua antiga experiência de aluna, de estudante do Ensino Médio, permitirá uma transformação: a ausência de relação com seus alunos atuais, suas diferenças em relação aos ideais de Martine quando ela tinha a mesma idade. O investimento deles no Ensino Médio, por ser enunciado e trabalhado, permite novos sentidos. A partir dessa raiva e desilusão, pensamentos e emoções surgem em sua fala, permitindo um outro contato com seus alunos, e não apenas com imagens projetivas advindas do passado.

Um outro ponto importante: foi Martine quem defendeu a inserção do dispositivo de análise de práticas como parte da formação de professores em sua escola. Graças à sua implicação, os professores presentes no grupo irão "seguir-la" e, depois dela, trarão relatos de situações em que o Self-professor se liga com o Self-aluno interno e com os alunos reais na sala de hoje, a fim de que se elaborem novas dinâmicas psíquicas para o sujeito locutor. Uma maior liberdade e ambivalência frente à matéria de ensino escolhida profissionalmente são então expressas em grupo: por exemplo, Jeanne, que ensina alemão, se lembra, surpresa, de suas persistentes gozações direcionadas ao professor dessa disciplina quando era aluna...

A abertura a essa parte do Self-aluno, até então inconsciente, permite a Martine experimentar o aluno, a criança ou o adolescente que ela foi, possibilitando relações diferentes com sua turma atual. Fios significantes sobre a idade, os saberes, a transmissão, se reconectam no interior e no exterior do Self-profissional. Martine se reidentifica com essa parte recalçada de si mesma. Ela se autoriza um outro contato com seus alunos de hoje, está menos perturbada pela diferença com eles e pela relação deles com a escola.

As experiências de professora e de aluna de Martine são postas em relação e mudanças operam na realidade: a conexão entre a palavra profissional e a pessoal no dispositivo permite uma nova circulação de identificações e saberes.

Com isto, o que aparece é a responsabilidade pela rejeição, pela agressividade do locutor, e não mais apenas aquela que viria dos alunos. A intervenção de Martine permite a circulação da ambivalência, e não mais a clivagem no interior do grupo. Isso permite contatos mais autênticos com os alunos. Martine torna visíveis as expectativas e projeções do professor, devolvendo o lugar da vivência profissional e dos recursos narcísicos que permitem encarar a situação e avançar. Assim, essa exigência por uma "narcisação aberta" por meio do dispositivo, por um vínculo com o outro e consigo mesmo, permite esse movimento de vida, de vínculo, de desenvolvimento de significantes, em oposição a um fechamento em si mesmo.

O objetivo desses dispositivos é o de se centrar sobre a experiência profissional subjetiva e enriquecê-la. O fio condutor do relato se liga a uma situação profissional em que o sujeito do inconsciente existe potencialmente: cada situação é elaborada "uma a uma" e submetida à atenção de uma escuta e de uma elaboração psíquica grupais.

Decisões

Decisões também são colocadas em cena nesse dispositivo, precipitadas pelo trabalho com um inconsciente tornado mais acessível, mais permeável, e são, com isto, interrogadas. Um ponto se destaca: é a partir de seu relato que a divisão subjetiva do locutor, sua vulnerabilidade, são depositadas e ouvidas por outros, e em grupo. Produz-se então uma renovação da palavra e dos atos do participante. Como pensava Balint, os sentimentos do facilitador são induzidos pelo relato da relação do médico com o paciente. Em outras profissões da educação, como professores ou formador, esses sentimentos também indicam uma passagem, uma maneira de ser que antecede uma decisão profissional irreversível e falada que ganha corpo.

Um dispositivo de análise de práticas em uma associação: Nadia, educadora em um abrigo para adolescentes, toma a palavra: depois de anos de trabalho, ela não aguenta mais os jovens, fazer o acompanhamento educacional deles, nem mesmo as reuniões com seus colegas. Ela fala sobre a ansiedade que o contato com os adolescentes lhe causa, assim como as reuniões entre profissionais. Ela está em carne viva, à flor da pele, e apresenta um relato sobre sua prática que é desconexo, quase incompreensível. Com isto, ela transmite ao grupo uma experiência caótica, do contato com as perturbações adolescentes que a tocam de perto e que ela internalizou: hoje, ela está perto demais de sua própria adolescência, em seu trabalho. Essa proximidade também diz respeito a mudanças importantes que ocorreram na vida amorosa de Nadia, às quais ela fará uma breve alusão.

Ela recebe abertamente a atitude e os vínculos que são estabelecidos com os jovens na rua, no abrigo ou com os adultos que cuidam deles. Ela não consegue mais se distanciar para escutar, ter uma experiência profissional que lhe permita agir, trabalhar com esses adolescentes. No dispositivo de grupo, Nadia nos transmite sua vivência caótica de reuniões que não fazem mais sentido, seus encontros improváveis com os adolescentes e seu mal-estar atual.

Ela se esforça para se fazer entender, em suas respostas e associações, dividida entre a identificação com os adolescentes em grandes dificuldades - o que a toca intimamente - e o adulto profissional que ela deve ser. Sua decisão de mudar de função e de instituição transporta pedaços de experiência em que sua adolescência - tanto a sua quanto a dos jovens acompanhados - é revivida, sem mediação. É a elaboração dessa situação que irá lhe permitir se afastar. Os participantes do grupo acolhem o eu profissional fragmentado de Nadia: eles fazem suas perguntas, interpretações possíveis, o que favorece para ela um acompanhamento reestruturante.

Assim, o dispositivo de análise combina duas dimensões: um presente que se tornou doloroso e incompreensível, que mobiliza as associações e as questões dos outros participantes. Novas perguntas surgem para Nadia, retirando-a de uma repetição. Os facilitadores aceitaram

seu ritmo: seu relato ocupou uma sessão inteira (a sessão normalmente permite duas intervenções). Corresponhia ao excesso de emoções e pensamentos que ela deveria depositar no grupo para abandoná-lo e para então mudar.

Crescer profissional e subjetivamente, acompanhado pelo trabalho do grupo, implica que o relato seja elaborado a posteriori, no depois. Os membros do grupo, ativos por meio de suas perguntas, dão todo o valor a essa experiência de renarcisação profissional e pessoal, de uma relação a ser reconstruída com o outro.

Grupo e pessoas

Esse dispositivo introduz assim uma nova diferença em relação à “cura-tipo psicanalítica”. Essa situação de trabalho grupal valida antecipadamente certas proposições de D. Anzieu acerca dos dois tempos da ilusão grupal, a saber, o da defesa e depois o da transição: os participantes se defendem de certas angústias para evoluir e estar em transição (Anzieu, 1971). A ilusão de grupo deve ser estabelecida para que o grupo funcione (por exemplo, no caso de um trabalho com profissionais que não se conheçam): reconhecendo-se conjuntamente como compartilhando e vivendo o mesmo grupo. A narração da situação profissional e as associações que em seguida questionam o relato assumem um valor transicional em que as sensações e os pensamentos se conectam. A passagem de uma ilusão grupal mínima (condição para que os participantes de um grupo experimentem-se positivamente estarem juntos) para uma dimensão transicional, descrita por Winnicott e retomada por Anzieu, faz com que a escuta dos outros, suas associações de emoções e pensamentos, suas questões, criem algo novo. Elas convocam novas respostas por parte do locutor, que incidem sobre o vínculo entre seu Self, base de sua personalidade profissional, e a vivência de sua profissão, que se transforma. Um novo espaço psíquico compartilhado é então mobilizado.

O papel do grupo e dos vínculos estabelecidos dentro dele são, portanto, importantes nesse dispositivo. Para retomar uma proposição de Lacan, é a um grupo situado em um imaginário vivo – mas também, seguindo Winnicott, a um ambiente simbólico, material e social – do qual ele faz parte que o relato do locutor se endereça. São as "pessoas profissionais" no grupo que ouvem ou respondem, por meio de suas associações, e propõem uma simbolização possível da narrativa do locutor. O grupo é tanto um conjunto de ecos transformadores quanto um ambiente que cria uma série de dissonâncias positivas e de surpresas para o locutor. O relato que ele apresenta se torna um objeto de trabalho e é ouvido por uma escuta múltipla que permite novas hipóteses: "Você disse que... mas... isso me faz pensar em...", formulam, por exemplo, os participantes.

Assim, uma atmosfera organizada pelo trabalho psíquico grupal orienta a fala individual: ela também é sustentada por um enquadre, por regras e um ambiente. Esse ambiente assume formas diferentes em equipes profissionais instituídas ou em associações que proponham um grupo de análise das práticas profissionais no qual os participantes do grupo não se conhecem.

Tudo o que acontece também convoca o grupo: por exemplo, os momentos de pausa, de chegada ou saída são eloquentes, os facilitadores mantêm seu estatuto diferenciado - eles sustentam um enquadre de trabalho - assim como na arquitetura dos lugares. Os fenômenos próprios do grupo são então recalcados, para dar espaço ao relato do locutor, mas podem reaparecer, exigindo um acolhimento específico.

Balint pouco dialogou com os psicanalistas de grupo, porque o dispositivo que ele fundou o interessava mais pelos relatos contados na relação terapêutica, mobilizando consciente e

inconsciente. Hoje, diríamos que as regras do grupo eram importantes para ele como meio de abordar de outra forma a relação com a prática profissional e com o saber.

Fenômenos de grupo e análise de práticas profissionais

O dispositivo de análise de práticas profissionais é interessante por sua capacidade de renovação. Em minha prática como facilitador, algumas vezes aceitei tempos de fala durante toda uma sessão, sem apresentação de uma situação profissional nova, esta sendo retomada na sessão seguinte: assim, os professores, na situação mencionada acima (referente à Martine), precisaram falar durante uma sessão inteira sobre um modo de "conversação" – no sentido da tradução francesa de "*Conversations ordinaires*" (Winnicott, 1988) – quando a ilusão do grupo ganha corpo, tornava-se outra coisa que não uma ilusão e assumia o valor de intermediário entre a especificidade do grupo de análise e a realidade do colegial onde o grupo acontecia. É nesse dispositivo de análise, e não em outro lugar, que deveria se estabelecer uma fala diferente. O íntimo ligado à profissionalidade teria assim continuidade.

Eu me perguntei, como facilitador, se deveria proibir ou trabalhar certos fenômenos relacionais ligados aos relatos contados. As trocas abaixo entre Pierre e Nicole, em um outro dispositivo e no enquadre proposto em uma associação, são um exemplo disso.

Um exemplo de análise de práticas profissionais conduzida em uma associação: primeiro, Pierre propôs um relato que revisitava seu trabalho como professor de tênis: em particular, ele tinha dificuldade em controlar os presentes e ausentes em seus estágios. Ele fez então ligações com seu passado de criança submissa frente a um pai autoritário. Nessa sessão, Nicole, professora em escola primária, deu a Pierre conselhos de leitura para "resolver" seus problemas como educador! Pierre a agradeceu de maneira respeitosa.

Duas sessões depois, em sua apresentação de situação, Nicole descreveu sua prática, na qual se apresentava como uma professora muito isolada e incompreendida, fugindo de seus colegas. Nas intervenções que se seguiram, Pierre explodiu, estando no limite de um ataque pessoal à pessoa de Nicole no grupo: ele parecia estar acertando contas com ela, que representava outra coisa para ele, a partir dos cenários transferenciais mobilizados no grupo. "Não é de surpreender que você se encontre sozinha, sem ajuda, administrando suas turmas, visto como você é", ele dizia a ela essencialmente, fazendo alusão à personalidade "rígida" de Nicole. Os facilitadores (o grupo conduzido por A. Maurin e eu) acompanharam esse novo vínculo transferencial entre Pierre e Nicole: os efeitos do cruzamento dos relatos profissionais de um e de outro se seguiram na base em uma relação criança/pai que se encenava no processo do grupo (Maurin, Pechberty, 2017).

Visar a personalidade profissional nesses grupos permite afastar-se de uma concepção do cuidado assimilado ao terapêutico; a centralização na experiência profissional, de cuidado, de educação, de formação ou de ensino, qual seja ela, valoriza os conflitos em busca de sentido. O facilitador intervém nessa dimensão do conflito psíquico. Trabalhar em um grupo tem seus efeitos. Quando possível, o locutor arranja seu discurso em relação às perguntas e intervenções. Há diversos participantes nesse dispositivo, o que evita o conluio com o desejo de saber de um

único participante. Aqui, portanto, são duas as operações que operam: a centralização na experiência profissional de cada um e a obrigação de associar a partir desse material.

A originalidade de Balint foi a de reconhecer uma nova relação com o saber, o do profissional praticante, ao mesmo tempo em que ele inventou a partir do método psicanalítico. O saber do profissional é, com efeito, colocado em pauta, e a questão do grupo é levantada. O dispositivo assim criado concernia a relação de cuidado na medicina e depois foi transposto para as profissões da educação e da formação. Como formula Even, um facilitador do dispositivo, no início assistimos ao estabelecimento de uma potencialidade profissional (Even, 2008) ligada a um trabalho do cuidado relacional no campo médico. Esse autor sublinha que são as relações com esse trabalho e com a própria medicina que são convocadas nos primeiros grupos de Balint. Do mesmo modo, é a profissão de ensinar ou formar que é colocada para trabalhar por meio do relato individual naquilo que experimentamos, ao nos interessarmos pelos fenômenos educacionais. A corrente clínica se liga assim com os primeiros interesses freudianos pela educação, já que o inconsciente está, evidentemente, presente, para além do âmbito terapêutico unicamente.

Sem dúvida, assistimos a novas formas de extensão de um trabalho clínico orientado pela psicanálise; esta se abre à profissionalidade, e ao grupo, e com isto, a novas perspectivas.

Conclusão

O dispositivo Balint parece bastante apropriado às questões que envolvem movimentos narcísicos, presentes na personalidade profissional do locutor e do grupo. Nos exemplos desenvolvidos acima, somos confrontados com um narcisismo "fechado" centrado no aluno adolescente que Paul foi, que continua a fasciná-lo e que ocupa todo o espaço (Paul), ou ainda com um narcisismo que acentua a diferença entre os antigos ideais da professora – boa aluna engajada – e os dos alunos atuais (Martine); também encontramos um narcisismo maltratado, despedaçado, ligado à adolescência e que precisa ser reconstruído (Nadia), ou com a intersecção de dois narcisismos, em falta ou com apoio criativo, nas profissões de ensino e formação (Nicole e Pierre).

O trabalho em grupo comporta também essa dimensão narcísica, mas aqui em uma vertente positiva. Ele ecoa e aprimora a fala do locutor: esses ecos transformam e questionam, permitem uma reviravolta no relato e recarregam o sujeito que expõe. O grupo socializa e demonstra sua função de acompanhamento, por meio da associação "livre" com o relato do locutor. Além disso, por meio das vozes de alguns de seus participantes, o grupo formula perspectivas que o sujeito locutor ainda não considera, mas que ele terá de se apropriar à sua maneira, mais tarde. Um ideal futuro é assim desenvolvido por essas questões, forçando o locutor a se posicionar.

Enfim, podemos nos perguntar sobre as filiações em jogo na história da psicanálise e suas extensões clínicas: Balint construiu um dispositivo de análise de práticas profissionais, ele foi também aluno e paciente de S. Ferenczi, analista que levou a desmontagem da cura freudiana a seus limites, os da análise mútua. O dispositivo de análise de práticas profissionais também permite que cada participante assuma lugares diversos, o de produtor de narrativas, depois o de ouvinte ativo, de interventor, quase da mesma forma que o facilitador.

Ferenczi inovou ao situar o desenvolvimento da "criança ao adulto" como terreno privilegiado do trauma (Ferenczi, 1927). Podemos pensar que Balint, ao priorizar a escuta e a análise de práticas profissionais *adultas* em grupos, retoma essa linha de pensamento e faz valer

a orientação psicanalítica como uma ferramenta de reflexão e formação? Assim, essa "derivação" do dispositivo se abre um pouco mais para uma formação clínica (Pechberty, 2024).

Acolhendo assim os relatos dos sujeitos profissionais no grupo, temos, como clínicos, uma ferramenta que demonstra a capacidade da associação livre, dos conceitos psicanalíticos e de sua estrutura de se adaptar a novos objetos. Não se trata mais de psicanalisar um sujeito, mas de propor uma transformação clínica, que incida na profissão, orientada pela psicanálise. Esse vínculo é possibilitado pelo questionamento acerca dos saberes convocados pela prática e pelo agrupamento de “pessoas profissionais”.

O dispositivo, que evoluiu desde Balint – sinal de vitalidade – é, portanto, um recurso incomparável: ele demonstra sua capacidade adaptativa a diferentes ambientes. Ao mesmo tempo, as situações apresentadas em uma sessão pertencem àquele grupo e estão ligadas a um modo de mediação que não pode ser reproduzido. Os exemplos de modificação do enquadre de trabalho que descrevi acima (sessão de trocas e de discussão sem exposição de situação profissional, continuação do cruzamento de transferências entre Pierre e Marie no decorrer das sessões) atestam a renovação possível desse grupo de elaboração.

Referências

- Anzieu, D. (1999). L'illusion groupale : un Moi idéal commun. *Le groupe et l'inconscient*, pp. 74-98. Dunod. Edition originale en 1971.
- Balint, M. (1960). *Le médecin, son malade et la maladie*. Paris, P.U.F.
- Blanchard Laille, C., Dubois, A. (2023). Cliopsy : un courant de recherches cliniques d'orientation psychanalytique en sciences de l'éducation et de la formation. *Carnet psy*, 2023/2 (N° 259).
- Eiguer, A. (1999). *Du bon usage du narcissisme*. Bayard éditions.
- Even, G. (2008). Les groupes Balint et leur spécificité : point de vue, *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, pp. 149-160 ; 2008/1 (n° 50).
- Ferenczi, S. (1927). L'adaptation de la famille à l'enfant. *Oeuvres complètes T 4*, pp. 29-42. Payot.
- Kaës, R. (1975/1997). Quatre études sur la fantasmagorie de la formation et le désir de former, *Fantasme et formation*, Paris : Dunod.
- Lacan, J. (1966). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je, pp 92-99. *Ecrits*, Seuil. Edition originale en 1949.
- Maurin, A, Pechberty, B. (2017). De la pluridisciplinarité dans un groupe d'analyse des pratiques professionnelles : illusion corporatiste et figures de l'étranger ; pp. 147-158. *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, 69.
- Missenard, A. (1976). Formation de la personnalité professionnelle, pp. 116-118. *Connexions*, 17.
- Mosconi, N. (2001). Que nous apprend l'analyse des pratiques sur les rapports de la théorie à la pratique ? *Sources théoriques et techniques de l'analyse des pratiques professionnelles*, pp 15-34. Coll. Savoir et formation. L'Harmattan.

- Pechberty, B. (2009). Formation et soin psychique : des rencontres de hasard ou de structure ? pp. 41-49. *Cliopsy*, n° 1.
- Pechberty, B. (2024). De Sandor Ferenczi à Michael Balint : savoir clinique, éducation et formation. *Cliopsy*, n. 31
- Winnicott, D. W. (1971). *Jeu et réalité*. Folio essais, Gallimard.

Tradução: Beatriz Martinho Azevedo
E-mail: b.martinho.azevedo@gmail.com
Revisão técnica: Rinaldo Voltolini
E-mail: rvoltolini@usp.br

Recebido em novembro de 2023 – Aceito em março de 2024.